



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES (BHU)**

GUILHERME VIANA

Corpos em TRANSE

REDENÇÃO - CE

2018

“Baseado em carne viva e fatos reais é o sangue dos meus que escorre pelas marginais e vocês fazem tão pouco mais falam demais fazem filhos iguais, assim como seus pais tão normais e banais, em processos mentais sem sistema digestivo lutam para manter vivo Morto, vivo, morto, vivo, morto, morto, morto, viva!”

Linn da Quebrada

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão aos meus familiares, mãe e irmãos por sempre estarem presentes na minha trajetória de vida, vocês são seres divinos. Amo vocês!

Agradeço as minhas amigas bixas, travestis, transexuais, sapatão, não binárias, negras que estão vivendo, resistindo, e se reinventando. É de nos para nós. Com afeto maior agradeço as sujeitas que construíram este trabalho junto comigo, sem vocês este trabalho não seria possível, obrigado a todos os envolvidos durante este processo. Vocês foram essenciais!

Agradecimento em especial as minhas amigas Emanuel, Jaime, Samyla, Felipe e Leticia vocês representam a todas minhas amigas e a todas elas o meu mais sincero obrigado. Amo vocês!

Agradeço a orientadora e amiga Rosália Menezes, por trilhar esse processo comigo. Pela parceria, por acompanhar essa trajetória e ser outro corpo para realização deste trabalho.

Muito obrigado!

RELATÓRIO DE PESQUISA E COMPOSIÇÃO DO VÍDEO

Título do vídeo: TRANSE

Duração do vídeo: “17:28”

Entrevistadas:

* Caironi Ramos

*Mococa

*Isadora Texeira

*Lila

*Janini

Resumo: O presente relatório tem por objetivo apresentar parte do processo de composição do vídeo intitulado “TRANSE”. O vídeo é o resultado final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Bacharelado em Humanidades da UNILAB. Serão aqui apresentados, de forma sucinta, os pressupostos teóricos dos estudos Queer, pois esse material conceitual representa um dos eixos norteadores da pesquisa. Num segundo momento, uma breve descrição crítica do percurso de confecção do material audiovisual, a organização e realização das entrevistas; a elaboração dos primeiros roteiros de filmagem e as dificuldades encontradas com relação a aprendizagem e construção de um olhar fílmico, menos cotidiano e mais elaborado para a composição do vídeo que é também um trabalho acadêmico. Nesse contexto de produção, os constantes deslocamentos para a cidade de Fortaleza, os inúmeros encontros com os entrevistados e as relações de proximidade com o grupo acabaram por gerar uma escrita que também coloca em pauta minha própria subjetividade (minha relação com o Maciço de Baturité, local onde nasci, minha família e os padrões culturais normativos que somos submetidos desde o nascimento). Nesse sentido, a pesquisa embaralha conceitos e imagens e investiga outras formas de compreender gênero, carrega rastros de minha própria vida. Superar as dificuldades socialmente reproduzidas e compor, também em minha própria existência, novos percursos para pensar gênero como um lugar da incompletude, da multiplicidade e da escuta.

Palavras-Chave: Queer. corpos. Performance. Audiovisual.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
1.1. QUEER O QUÊ?.....	6
2. O AUDIOVISUAL COMO PONTÊNCIA PARA PENSAR OS ESTUDOS QUEER..	8
3. MOVIMENTE-SE!.....	10
4. O ROTEIRO DE FILMAGEM.....	12
5. EXPERIÊNCIAS, OLHARES E MEMORIAS DOS AFETOS.....	12
6. PROCESSO DE APREDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA QUE LEVA À REFLEXÃO.....	13
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	15
8. ANEXOS.....	16

1. INTRODUÇÃO

1.1. QUEER O QUÊ?

“*Queer*” é uma palavra de origem inglesa utilizada como um xingamento proferido à homossexuais e/ou transgêneros. Sua tradução para o português, no Brasil, ganha o sentido de “viadinho”, “macho-fêmea”, “maricona”, termos estes usados tanto para homossexuais, travestis, pessoas transexuais e todas os outros corpos desviantes da norma cis/heterossexual. O termo “*queer*”, em sua tradução, pode ser interpretado como “estranho”, “anormal”, algo que não se pode identificar, não enquadrando-se nas relações binárias homossexual/heterossexual.

Os estudos “*Queer*” veem sendo pensado por militantes e intelectuais ligados aos estudos feministas e aos estudos gays e lésbicas, desde os anos 70 quando a:

Teoria Queer resgata o lado positivo do termo queer, apresentado como um entre-lugar e espaço transversal, mas ao mesmo tempo sujeitos de grandes esforços para não se institucionalizar/normalizar, a fim de que assim possa permanecer como processo ambíguo de transformação, interpretação. (BELIDSON, 2010, p 282)

Esses estudos desenvolveram-se a partir dos anos 80, por diversas autoras, entre elas Teresa Lauretis (1994) que vem a pensar as “tecnologias de gênero” entendidas como os comportamentos e formas do “ser homem e do ser mulher”. Quando Simone de Beauvoir, no seu livro “O segundo sexo”, afirma que “ninguém nasce mulher, torna-se”, isto é, a autor não designa qual o sujeito/corpo irá se tornar mulher, entendendo assim o gênero como uma categoria socialmente construída. Portanto, a produção do papel masculino e feminino é constituído culturalmente. Segundo Butler (1990, p. 8), “a cultura impõe práticas entendidas como femininas ou masculinas que se chama performatividade”. Ou seja, somos corpos cujas performances nos leva as dualidades dos gêneros.

O conceito de performatividade desenvolvido por Butler (1999) vem a partir das teorias de J.L. Austin (1998) que diz respeito aos atos de fala/ações performativas, afirmando que a linguagem não se limita apenas em fazer descrições de uma ação ou uma situação:

[...] mas a linguagem tem pelo menos uma outra categoria de proposições que não se ajustam a essa definição; são aquelas

proposições que não se limitam a descrever um estado de coisas, mas que fazem com que alguma coisa aconteça ao serem pronunciadas, essas proposições fazem com que algo se efetive, se realize (SILVA, 2014, p. 92).

Pensando as definições normativas socialmente estabelecidas tais como: “você é uma menina” e, a partir dessa afirmação vai se construindo um corpo através de roupas, brinquedos e cores, elementos próprios do modelo estabelecido para o que é ser menina segundo uma heteronormatividade compulsória. Desse modo, Butler (2011) pensa o conceito de performatividade como uma produção de identidade. O conceito de performatividade vai construindo os corpos através das narrativas enfatizadas cotidianamente. O gênero incorpora e assume a ideia de “se tornar”, sendo este uma construção de identidades e subjetividades. Contrapondo a ideia dessa identidade fixa, em oposição a uma identidade flutuante, Stuart Hall (2004) traz em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, esse ser inconstante em sua performatividade.

Partindo dessas ideias, o gênero pode ser entendido como uma contínua "estilização do corpo, ou seja, você teatraliza através de gestos corporais, falas, movimento, os papéis e as encenações, dando a sensação de um gênero estabelecido, que está em constante transformação" (Haddad e Haddad, 2017, p. 2) a partir das experiências vivenciadas em diferentes períodos. Para Butler o gênero pode ser pensado como “aquilo” que é assumido, praticado, entendendo o gênero não como algo que somos, mas que fazemos.

A socióloga Berenice Bento (2011, p. 552.) Afirma: "nascemos e somos apresentados a uma única possibilidade de construirmos sentidos identitários para nossa sexualidade e gênero", colocando assim, a heterossexualidade como a forma normal e única de sexualidade e o que não faz parte dessa norma binária é lido como abjeto, são negados o estatuto de sujeitos.

A teoria *Queer* vem nos ensinar um papel de desconstrução dessas binariedades, fazendo uma outra leitura (re) significando a experiência com o corpo e promovendo outro olhar para essas outros sujeitos de gêneros e sexualidades, pois essa lógica binária aprisiona e não permite pensar outras possibilidades de gêneros, sexualidades e de "ser", pois a multiplicidade é negada, não é reconhecida.

O corpo *queer* se constrói tanto pelo discurso quanto pelos olhares de negação sobre este. A pessoa *Queer* mostra a resistência e (re)construção de seus corpos como ato

político. Portanto, essa construção binária de identidade se encontra entre o "ser" homem ou/e "ser" mulher, ou o não "ser" homem e o "não" ser mulher, como algo totalmente novo e que se renova com próprio tempo. Dessa forma, "os corpos se reconhecem a si mesmo não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem outros corpos como falantes, afirma Preciado (2014, p. 21)

2. O AUDIOVISUAL COMO PONTÊNCIA PARA PENSAR OS ESTUDOS QUEER

A pesquisa em audiovisual vem como "o deslocamento dos moldes teóricos tradicionais de abordagens para um modo olhar Queer" (Belidson, 2010), visto que a pesquisa parte também de um viés educacional através da cultura visual como instrumento para promover aceitação das diferenças de gênero, classe, raça, e ter a capacidade de nos fazer pensar as possibilidades de transformação de valores já amplamente difundidos. Conforme afirma Duncum apud Belidson (2010) "vivemos em mundo tecnológico visual complexo, onde as imagens se transformaram no produto mais essencial de nossa informação e conhecimento. Pensar a partir do audiovisual as relações que estes corpos produzem com a cidade, família, afetos e perceber que estas identidades estão a todo tempo sendo questionadas é um dos objetivos desse trabalho. Foucault (2005) nos ajuda a pensar o sexo como uma normatividade, um ideal regulatório à heteronormatividade, no qual tem o poder de produzir corpos e diferenciar os que pretende controlar-se através de regras das institucionais.

A escolha das sujeitas protagonistas delineou-se no propósito de buscar corpos que não se encaixam na binaridade, e que trazem em seu discurso o não conformismo, a não estabilidade, a não rigidez. São pessoas que experimentam os corpos em diferentes aspectos, que brincam com as relações de gênero, que transitam entre as definições e não definições do que vem a ser o "masculino" ou o "feminino". São corpos que não se definem por critérios estéticos físicos e biológicos.

Não há estudos que abordem as representações 'queers' de forma fidedigna na cultura visual, a partir das vivências das próprias pessoas 'Queers'. As informações e conteúdos LGBTQI+ produzem narrativas distorcidas acerca desses corpos. Partindo disso, surge a necessidade de colocar essa intersecção de estudo sobre

raça, classe, gênero, pois a análise do olhar ‘*queer*’ e a cultura visual tem muito a compressão desses corpos para a construção de um conhecimento’ diverso. A visualidade e aprendizagem em representação visual, cultural e simbólica com expressões autônomas sobre suas próprias vivências adentrando em uma crítica decolonial da imagem (Christion Leon, 2012).

Adentrar no universo das teorias que me servem de base para este trabalho, como também o audiovisual enquanto linguagem artística e da performance, me direcionaram a ter um olhar mais crítico acerca do real, possibilitando-me a tradução de novas narrativas sobre esses corpos, sejam elas plurais ou singulares. O *queer* quebra todos os moldes da binaridade, do que é "isso" ou "aquilo". Ele permite pensar nas existências e potencialidades dos corpos. Não cabe as teorias ou às normas definir estes corpos, mas somente a estes/as (pessoas Queers), a partir de suas percepções subjetivas, em suas enunciações e em suas capacidades de afirmar a si mesmos, enquanto protagonistas de seus atos, de sua fala, performance e sua vida!

O processo de filmagem, para mim, enquanto um corpo que está a experimentar a linguagem visual tornou-se um campo desconhecido e que aos poucos foi se criando uma relação íntima, mais familiarizada com o processo. Foi a primeira experiência como diretor e produtor de um audiovisual e as dificuldades começou a partir do posicionamento que ocupo como estudante de humanidades, não tendo nenhuma formação em cinema ou na linguagem audiovisual, apenas práticas de experimentação com o aparelho celular.

Outras dificuldades se deram em relação ao equipamento "necessário" para a realização da pesquisa. Os materiais utilizados como câmeras e um gravador de áudio só foram possíveis através de amigos que possibilitaram o uso de seus equipamentos. Mas, outra dificuldade além de conseguir os equipamentos era a capacidade de manuseá-los, por isso, o audiovisual foi construído no “fazer”, uma experimentação dessa linguagem, a partir de como se dava as entrevistas. Nada foi inteiramente pensado e efetivado, foi uma construção minha com elas.

Foram registrados momentos que nem se pensaram em colocar no roteiro; as gravações aconteceram em suas residências, outras na praia, praças. Além desses espaços,

tiveram alguns momentos nos bares do “gato preto” e no “*the lights*¹”, assim como aconteceu gravações na cidade de Redenção, lugar onde umas das entrevistadas reside atualmente. Foram cinco sujeitas entrevistadas, entre elas estudantes nas áreas da Farmácia, Licenciatura em Teatro, Dança e em bacharelado em humanidades, criadoras de si e de suas artes.

3. MOVIMENTO-SE!

A pesquisa vem se baseando nas minhas inquietudes nessa relação com o corpo queer. Como pensar a vida cotidiana a partir dessas desconstruções dos modelos binários de imposição heteronormativa? É através das teóricas dos estudos Queer "(BENTO, Berenice, 2011; BUTLER, Judith, 1999), entre outras, que este trabalho é desenvolvido. Outras pensadoras do mundo da performance como a Linn da quebrada é também uma referência fundamental na construção da minha escrita, tanto verbal quanto visual. Utilizar a linguagem no feminino é se propor a pensar outras escritas que, ao invés de se referir no plural, sempre no masculino, como todos, porque não falar todas, “corpas” e “sujeitas” ao invés de utilizar essa escrita que é masculina e também colonizadora de corpos e mentes? Como se dá o processo dessas configurações de identidades e subjetividades contrapondo a ideia dessa identidade estável/rígida, com uma identidade em um processo contínuo em sua performatividade? O trabalho vem fazer uma análise e reflexão de como pensar esses corpos que não é encaixável na estrutura binária “homem-mulher” "homo-heterossexual. Designado ou percebido como estranho, constrói-se, a partir do ser e estar, da sua subjetividade.

O deslocamento da cidade de Redenção à cidade de Fortaleza ocorreu durante o processo de pesquisa e filmagem. O processo durou aproximadamente um ano, sendo realizado todos os encontros com as/es entrevistadas/es. Essas pessoas já estavam na minha vida de uma determinada maneira, entre eles/elas algumas amigas e os/as outras/es conhecida de amigas frequentadoras dos mesmos espaços em Fortaleza. Para o início da pesquisa, foram marcados encontros em festas, praças e em mesas de bares, lugares onde esses corpos estão transgredindo e impondo as suas existências.

¹ bares localizados na cidade de fortaleza

Os encontros aconteceram de forma dialogável, sem fazer nenhum registro, apenas fazendo o exercício da escuta, ouvindo as narrativas dessas pessoas associando-as ao próprio espaço da cidade. Encontrei nas suas narrativas vários movimentos e dinamismo. Ou seja, encontrei várias "fortalezas" durante o dia e a noite, as quais as pessoas estão se (re)criando, (re)inventando, ressignificando os espaços da cidade, criando redes de afetos.

Percebi que vivenciar a cidade de Fortaleza como um corpo não pertencente ao seu cotidiano, sendo afetado por todos os acontecimentos presenciados em uma metrópole. Fazer este deslocamento quebrou toda a minha performatividade corporal; senti-me mais livre dos olhares que, por exemplo, no interior, as relações se constroem e se movimentam diferentemente das cidades urbanas, pois existe a presença do conservadorismo, da rigidez de ser "homem" e do ser "mulher" é muito cobrado, exigido. A cidade, junto com todos esses corpos, causou inúmeros efeitos sobre a minha relação com o meu corpo.

Estar no universo da cidade "urbana", resultou-me outras possibilidades de "ser", como se cada ambiente da cidade me desse a oportunidade de ser outra "coisa". É uma cidade que tudo estar acontecendo em movimentos simultâneos de interação com os espaços e as pessoas. Constituindo no ciclo de inconstância, onde nada se mantém fixo/estável. "Estar nessa cidade, levou-me a sentir o meu 'corpo'", outras referências de vidas e formas de estar no mundo.

Trago aqui pensamentos obtidos através de minhas leituras de Fanon (1961) em seu livro "Peles Negras, Máscaras Brancas", ao qual me fez pensar como nossos corpos se reconhecem em outros corpos, e como nós construímos através das outras. E é essa a atenção nesses corpos que permitem que possam surgir outras possibilidades de performatividade.

Ao adentrar em outros espaços, como os guetos LGBTQ, e espaços da performatividade artística na cidade de Fortaleza, vivenciar esses momentos com esse grupo de pessoas, fez o meu olhar se deslocar em relação ao meu corpo, sobre minha performatividade, que, até então, era apenas um "ser" transviado, mas, partindo dessas experiências pude repensar outras existências do "ser", em outras estéticas corporais. Passo a compreender então, segundo Preciado (2010), o meu corpo como um território de experimentação, ou seja, como um campo livre para experiências estéticas e corporais.

4. O ROTEIRO DE FILMAGEM

Para realizar as entrevistas fizemos questionários semiestruturados e abertos. Levei perguntas para os entrevistados como uma forma de direcionamento com foco no meu interesse de pesquisa. No entanto, as perguntas iam se transformando em conversas mais descontraídas e eu redirecionava as perguntas, construindo o material audiovisual. O que o roteiro tinha como diretiva de filmagem?

- Buscar as narrativas das sujeitas sobre si. Perceber como suas corp(a)s se inserem nos espaços públicos cotidianos.
- Qual o nível de relação afetiva com a cidade, a família e as relações sociais de um modo geral;
- Abordar sobre as experimentações de seus corpos, como criadora e criatura das suas experimentações de si mesmas.
- Performatividade como produção de identidades.

5. EXPERIÊNCIAS, OLHARES E MEMÓRIAS DOS AFETOS

A princípio, a colaboração de alguns amigos foi de muita importância para o processo de filmagem, assim como as realizações dos primeiros registros. A presença dessas pessoas no processo de composição do vídeo foi de extrema importância. Para o desenvolvimento da pesquisa fez-se necessário o exercício do olhar, do saber ver e do aprender a ver, como também a realização de um recorte crítico e estético das imagens que nos chegam aos milhares.

Realizar uma escrita audiovisual é aprender através do olhar a seleção do que nos interessa comunicar, quais informações são veiculadas através das imagens. Interessamos, também, o contato com o público. É pensar o poder da imagem e o quanto podemos dizer com elas

O aspecto da visualidade, que se refere ao nosso modo de olhar o mundo, ver, contemplar, fitar, mirar, observar, testemunhar, examinar, vislumbrar, olhar de relance, espiar, espreitar e intervir no mundo (BELIDSON, 2010).

É com esse olhar *queer* que apresento como análise outros corpos e narrativas para a construção de uma representação de conhecimento múltiplo. É mapear com os olhos suas inquietações, e trazer à tona o que se pretende pensar e refletir.

Eu nasci em Baturité, cresci em Capistrano- uma cidade do interior do Maciço de Baturité. Ao longo de minha vida, enquanto sujeito e corpo *queer*, inquietava-me com as imposições das binaridades, homem/mulher. Os discursos que outrem me definiam partiam dos estereótipos de "*viadinho*", "*bixa afeminada*", colocando-me entre “esse não lugar”, e sempre destacando o tom ofensivo com o intuito de estigma.

Enxergar o outro e trazer muitas inquietações que percebem na mesma encruzilhada da minha existência por muito tempo, foi uma maneira de me colocar, de conseguir e construir memória. É um processo de repensar meus afetos, repensar minhas sexualidades, as minhas práticas e minhas relações. Esse audiovisual é fruto das parcerias, ele vem das minhas inquietações, mas também de muitas de nós (LGBTQI+), tem de muitas daquelas que escrevem de nós para nós, as que cantam, as que resistem. Este audiovisual só foi possível através de todas que ajudaram a construir, a criar esse "corpo fílmico".

6. PROCESSO DE APREDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA QUE LEVA À REFLEXÃO.

A relação com o audiovisual se dá a partir da minha relação com a universidade dentro dos seus moldes de se pensar e produzir ciência. A academia a todo tempo se ocupa em definir o que é ou não conhecimento. Na linguagem audiovisual, esse modo de produzir e pensar a ciência e produção do conhecimento, quando esta parte do viés midiático, nos dá percepção da produção da imagem dotada da naturalização das normatividades de gênero, vinculada aos estereótipos seja dos LGBTQI+, negros, indígenas, mulheres. Porém, em outra via, percebi o audiovisual como ferramenta de experimentação fora dos moldes tradicionais, atentando para as margens, buscando compreender o sujeito a partir de sua própria vivência, seu lugar no mundo e seu modo de transitar nele.

A realização desta pesquisa me proporcionou a conhecer outros sentidos, a construir outros afetos, principalmente com as pessoas da pesquisa. Foi um processo de

aprendizagem. Enquanto pesquisador minha intenção foi ouvir o que esses corpos tinham a dizer, bem como as suas narrativas. As entrevistas se tornaram mais dialogável, conversas acerca de suas experimentações corporais com os hormônios e suas experimentações de suas estéticas da existência. As nossas relações se estabeleceram como amizade, com afeto e admiração; as entrevistas se tornaram trocas de conhecimentos uma com as outras. Nossa trajetória de vida tem muito de cada uma de nós.

As gravações se realizaram muitas vezes de forma dialogável, partindo mais das entrevistadas quando elas se sentiam com vontade ou quando surgia alguma inquietação. Houve risadas, saudades, silêncio, abraços, troca de afetos e bons momentos que vivenciamos. Esse processo não estará apenas registrado nesse audiovisual, mas também em nossos corpos. Este trabalho me fez sentir do outro lado; não sou mais apenas um admirador das artes e do audiovisual, mas um produtor, mesmo com as dificuldades de equipamentos, deslocamentos e a falta de experiência. O filme nasceu com um trabalho coletivo, muitas mãos e muitos olhares para compor esse trabalho.

O processo de montagem foi possível graças à colaboração de um amigo fruto dessa pesquisa, pois a pesquisa possibilitou construção de redes de afetos. Esse momento foi como uma gestação, aos poucos o “corpo filme” surgia, nasceu e continua, sem finitudes. Foi nesse momento de montar e fazer acontecer que aprendi e percebi o que, de fato, seria esse “audiovisual” e o que caberia a ele falar ou não.

A potência e o dever do filme parte da necessidade colocar todos essas narrativas e corpos para se pensar, para se questionar os modos de viver/fazer a vida de todos os dias construindo um olhar que fosse sensível a esse universo. Até porque não será depois desse trabalho que todas essas questões serão resolvidas, e esse trabalho vem questionar, problematizar e não possibilitar a sua conclusão.

Ao chegar nesse ponto da pesquisa a qual o audiovisual ganha seu primeiro corte, pois dentro desse corpo audiovisual se tem outros corpos, e o que me faz pensar e o que permanece como registro é a importância de evidenciar outras existências de vidas, outras formas. E trazer as infinitas possibilidades de produção dos corpos, e a capacidade de reinvenção dessas normas, dos comportamentos, mostrando através da existência dos nossos corpos as falhas/quebras das naturalizações impostas como verdades. Trata-se de produzir um conhecimento através das narrativas dos nossos corpos, trazendo outras

compreensões acerca dessas sujeitas, bem como aproximar do seu singular, em seu sentido de essência e existências.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, Jhon Langshaw, Como hacer cosas con palabras, trad. Genaro R. Carrió y Eduardo A. Rabossi, Barcelona, Paidós Ibérica, 1962.

BARBOSA, Ana Mae. (Org.). Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2006.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011.

BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de género: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista: género, cultura visual e performance. Universidad de Minho (CEHUM), 2011. p. 69-88.

_____. Problemas de género. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais, 2000.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Ed Fator, 1983.

FOUCAULT, Michel. *Historia da sexualidade I: A Vontade do Saber*, São Paulo, Graal, 2005.

HADDAD, M. I. D. ; HADDAD, R. D. . JUDITH BUTLER: PERFORMATIVIDADE, CONSTITUIÇÃO DE GÊNERO E TEORIA FEMINISTA. In: V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2017, Salvador/BA. Anais Enlaçando. Campina Grande/PB: editorarealize, 2017. v. 1.

LAURETIS, T de. A tecnologia do género. *In: HOLLANDA, H. B. de. Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEÓN, C. Imagen, medios y telecolonialidad: hacia una crítica decolonial de los estudios visuales. *Aisthesis*, v. 51, p. 109-123, 2012.

PRECIADO, B. Manifesto contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual, tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

_____. Entrevista A vida não é identidade, a vida resiste à ideia de identidade. Revista Poiésis, n 15. p. 47-71, Jul. de2010. Entrevista concedida a Jesús Camillo.

HALL, Stuart. Identidade cultural na pós – modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

ANEXOS

IMAGENS REGISTRADAS DAS ENTREVISTAS/ ESPAÇOS



(ACERVO PESSOAL)

FIGURA 1: CAIRONI NA RESIDÊNCIA CASA ROSA (FORTALEZA)



(ACERVO PESSOAL)

FIGURA 02: LILA NA PRAÇA DA MATRIZ DA CIDADE DE REDENÇÃO



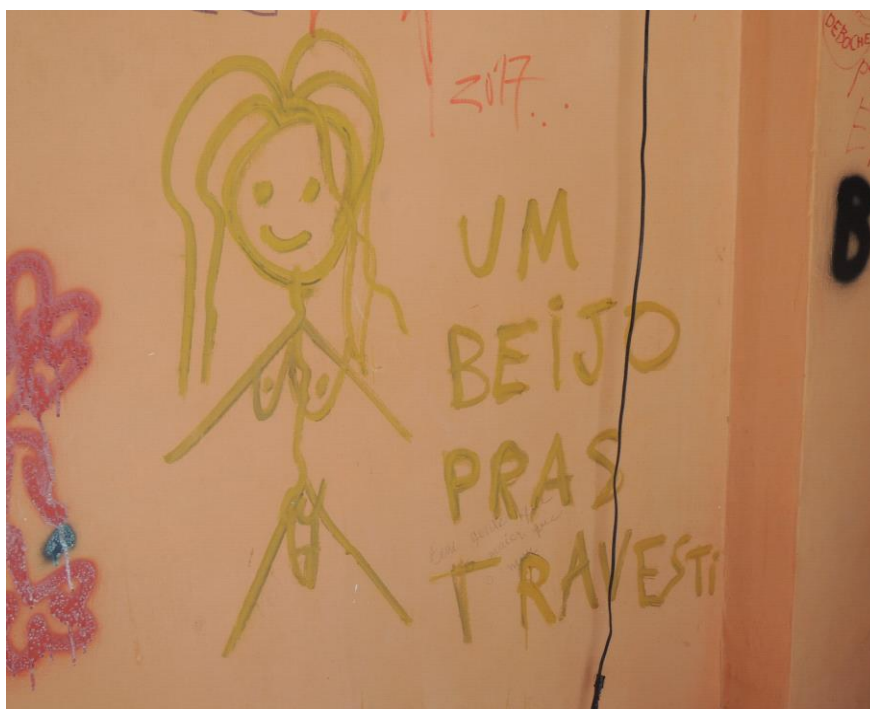
(ACERVO PESSOAL)

FIGURA 03: JANINE/ ISADORA/MOCOCA NA PRAIA DOS CRUSH (FORTALEZA)



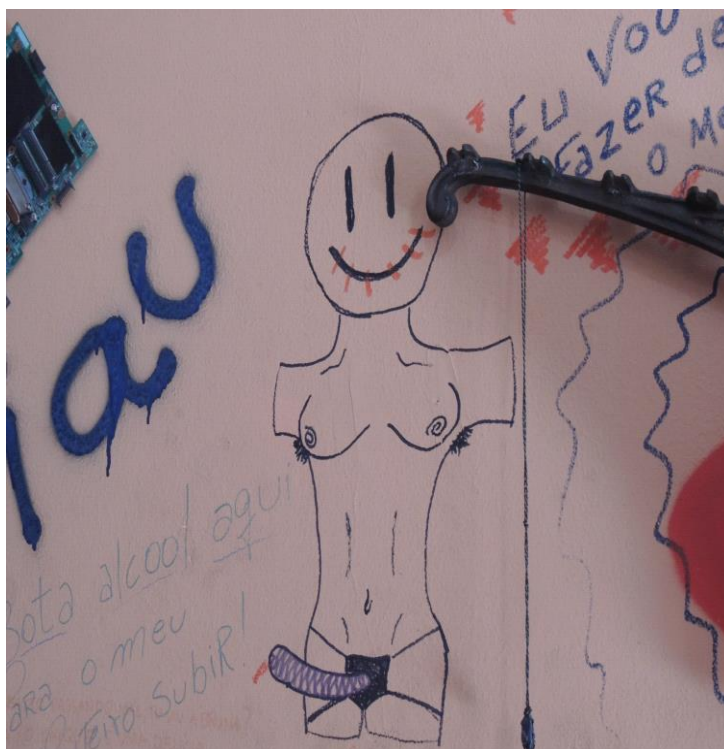
(ACERVO PESSOAL)

FIGURA 04: ISADORA E JANINE NA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA (FORTALEZA)



(ACERVO PESSOAL)

FIGURA 05: RESIDENCIA CASA ROSA



(ACERVO PESSOAL)

FIGURA 06: RESIDÊNCIA CASA ROSA



(ACERVO PESSOAL)

FIGURA 06: RESIDENCIA CASA ROSA